

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: LIONEL SOUKAZ
25 de setembro de 2025

150 Poèmes mis en sang / 1993

Um filme de LIONEL SOUKAZ e MICHEL JOURIAC

Realização: Lionel Soukaz, Michel Jouriac / Direção de fotografia: Lionel Soukaz / Montagem: Gerard Cairaschi. / Com: Michel Jouriac.

Produção: Jacques Miège, Lionel Soukaz / Cópia: DCP, colorida, sem diálogos / Duração: 13 minutos / Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Les Corps d'amour de Pasolini / 2013

Um filme de KAMI KAZ, LIONEL SOUKAZ e OLIVIER HÉRKAZ

Realização: Kami Kaz, Oliver Hérkaz, Lionel Soukaz / Com: Olivier Hérkaz, Tripak.

Cópia: DCP, colorida, falada em francês e legendada eletronicamente em português / Duração: 34 minutos / Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Carottage / 2013

Um filme de LIONEL SOUKAZ, POWERS e STÉPHANE GÉRARD

Realização: Stéphane Gérard, Power, Lionel Soukaz.

Cópia: DCP, colorida, falada em francês e legendada eletronicamente em português / Duração: 47 minutos / Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Nesta sessão do ciclo «A Cinemateca com o Queer Lisboa: Lionel Soukaz» são programadas três curtas-metragens do realizador pioneiro do cinema *queer* francês. O trabalho de Lionel Soukaz foi sempre um gesto de intervenção e de experimentação. Reapreciado recentemente, o seu cinema é um cinema da autobiografia e do desejo, em busca de uma liberdade muitas vezes censurada. Esta sessão é marcada pela sua afinidade com ativistas e intelectuais franceses, sendo que Soukaz produziu filmes com figuras como o «pai da teoria *queer*» Guy Hocquenghem e o filósofo Michel Foucault. O corpo e o ativismo são as linhas que cosem estes três filmes, que trabalham diferentes facetas dos interesses do cineasta e que se agrupam como trabalhos feitos em colaboração com outros autores.

150 poèmes mis en sang é co-realizado por Lionel Soukaz e Michel Journiac, um dos fundadores da *body art* (décadas de 1960 e 1970). Este filme retrata a performance que o artista executou no Salão do Livro em Paris, no *stand* da editora La Différence, em março de 1993. Assim, somos espectadores em primeira fila perante a criação de três obras, cada uma usando tinta branca, com frases do final de um poema de Fernando Pessoa («Liberdade») e o próprio sangue de Journiac. São 12 minutos durante os quais acompanhamos a performance, com o ruído de fundo de toda a multidão que participa no Salão e a que se congrega, em específico, para ver o artista. A preparação

consiste em dispor as telas, deitadas no chão preto (ainda sem vermos os dizeres escritos), onde Journiac coloca tinta branca, em gestos mais ou menos pensados. O passo seguinte é a colheita de sangue, feita de modo profissional mas sem batas, que escorre para um copo que nada tem de ceremonioso ou hospitalar. É depois usado nas telas, mesclando-se com a tinta existente. Esse processo de colheita é feito junto à audiência, como se fosse um sacrifício perante o olhar coletivo, a qual providencia também assistência (no duplo sentido da palavra), apoio moral, um segurar do braço, um olhar encorajador, um grito de apoio à rebeldia. Journiac, sem penso adesivo que contenha, vai-se tingindo de escarlate, pingando até às calças. O sangue torna-se matéria-prima de pintura e símbolo da carne oferecida à Arte. Enfim penduradas, discernimos agora as palavras inscritas, acessíveis depois do sacrifício: «O mais do que isto/ É Jesus Cristo,/ Que não sabia nada de finanças/ Nem consta que tivesse biblioteca...»

Les Corps d'amour de Pasolini é um filme que partilha o título com um texto de René Schérer dedicado «à vida, ao pensamento e ao cinema de Pasolini», diz-nos Stéphane Gérard. Lionel Soukaz, Kami Kaz e Oliver Hérkaz utilizam as pistas desse mesmo texto para construir uma obra que é feita de camadas, materializando o texto e criando uma sinfonia de estímulos visuais e sensoriais. Ao mesmo tempo que o texto é declamado, a câmara está focada em dois rapazes, atrás dos quais está uma televisão que passa constantemente imagens. Sobre esta imagem é sobreposta uma outra camada de imagens de arquivo, por vezes com legendas, que não se interligam com o texto de Schérer («hédonisme et destruction», vamos ouvindo). Cada estrato, cada demão luta pela atenção do espectador, sendo difícil segurar cada um dos fios. A mente tem tendência a saltitar, a passar de fio em fio, por vezes ouvindo o que é declamado, outras vezes prestando atenção aos gestos ora entediados ora lascivos dos rapazes, outras ainda observando as imagens encavalitadas, quase como fantasmas sobrepostos ao presente. Escutamos a voz a discursar sobre a «esthétique pasolinienne du corps», mas logo a seguir espreitamos o que passa na televisão, tentando adivinhar as imagens. Os jovens reagem ao texto, à filosofia que dita que o corpo é modelado pela política, mas parecem alheados, tentando por vezes distrair quem declama o texto, que se vai rindo amiúde. Termina sem cerimónias, ao finalizar o texto: «c'est ça».

Em **Carottage**, Stéphane Gérard e Power juntam-se a Lionel Soukaz para escavar o seu extenso *Journal Annales* (um arquivo filmico rodado ao longo de dezenas de anos) – já de si matéria usada em **En Corps+**, filme que passou esta semana numa sessão juntamente com **la Marche gaie**. Como nesse filme, surgem imagens de militância na década de 1990, incluindo reivindicações no pico da epidemia da SIDA, artistas intervindo (por exemplo, Jean-Luc Godard a discorrer sobre a Palestina), apresentações de filmes, manifestações populares, e não só. O que fica para o espectador é um registo de lutas políticas e culturais que não só não se esgota, como encontra espelho na contemporaneidade. Inclui também imagens de **Autoportrait**, que passou noutra sessão esta semana juntamente com **Race d'Ep**, um filme com imagens do realizador (*selfies avant la letter?*), mas que incide sobre guerras internas (lutas sociais) e externas (Iraque) à França. Sobre **Carottage**, Stéphane Gérard referiu, numa homenagem a Soukaz no *Libération* aquando da sua morte, como a montagem do filme era pontuada por uma imagem de um tronco a arder, entre sequências retiradas de forma aleatória do seu *Journal Annales*, porque simbolizava o ato de manter acesas estas memórias, estas lutas e estas pessoas. Tal como ele espera que se mantenha viva a memória de Lionel Soukaz.

Ana Cabral Martins